

# NIETZSCHE, HEIDEGGER E O FIM DA MODERNIDADE<sup>1</sup>

## *um estudo sobre Gianni Vattimo*

**Gustavo Silvano Batista**

Bacharel, Licenciado e Mestre em Filosofia – PUC-Rio.  
Professor de filosofia nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Psicologia dos ISECENSA.

### RESUMO

O Pensamento de Gianni Vattimo – desenvolvido nos moldes de uma hermenêutica filosófica – pretende apontar para uma necessidade atual: a reflexão acerca das condições atuais da filosofia em sua relação com a cultura. Para tanto, Vattimo recorre em seus textos às reflexões de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger pois encontram-se nestes pensadores as bases para uma decisiva compreensão do nosso tempo. Assim, pretendemos neste artigo apresentar alguns elementos fundamentais do pensamento de Vattimo, notadamente as influências de Nietzsche e Heidegger em sua leitura da cultura de nosso tempo. Analisamos os conceitos de moderno, pós-moderno, niilismo e ultrapassamento da metafísica. Por fim, buscamos apontar para a noção de um pensamento ‘fraco’, correspondente às estruturas de nosso tempo, conforme desenvolvido pelo próprio Vattimo.

**Palavras-chave:** Vattimo – Pós-modernidade – Heidegger – Nietzsche

“O esgotamento das pretensões totalizantes de uma razão única tomou várias formas, que são todas indicações para escolhas, valores, juízos. O sábio, que era para Aristóteles aquele que sabe os princípios primeiros, não se transformou simplesmente num cético indiferente, para quem tudo é igualmente verdadeiro e falso a um só tempo. A capacidade de viver numa racionalidade plural é coisa bem diferente, e disso só temos por enquanto uma vaga idéia. Mas sabemos pelo menos que o sábio pós-moderno deveria ser alguém que percorreu uma longa estrada para deixar atrás de si o mito da verdade última e definitiva – a um só tempo tranquilizador e ameaçador, como um pai severo e protetor –, descobrindo em contrapartida o valor do amor”.

VATTIMO, Gianni. "Estamos perdendo a razão?" in *Café Philo: as grandes indagações da filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 62.

Todo o pensamento de Gianni Vattimo é perpassado por um tema: o esclarecimento da relação que liga as conclusões da reflexão de Nietzsche e Heidegger com os discursos mais recentes sobre o fim da época moderna e a pós-modernidade. Conforme a elaboração de Vattimo, a época ‘pós-moderna’ é inaugurada pelo eterno retorno de Nietzsche e pelo ultrapassamento da metafísica de Heidegger, temas centrais nas reflexões dos dois autores. Segundo Vattimo, “*é só relacionando-se a problemática nietzschiana do eterno retorno à problemática heideggeriana do ultrapassamento da metafísica que as esparsas e nem sempre coerentes teorizações do pós-moderno adquirem rigor e dignidade filosófica*” (VATTIMO, 1996b, V). Este texto deseja caracterizar, de modo geral, o pensamento de Vattimo, a partir das contribuições decisivas de Nietzsche e Heidegger.

Ao considerar positivos esses dois momentos decisivos da filosofia de Nietzsche e Heidegger, Vattimo propõe não apenas uma análise genético-sintomática da contemporaneidade, mas um caminho para uma reconstrução filosófica, que se torna possível pela abertura aos discursos presentes nas artes, letras e ciências sociais. Nietzsche e Heidegger, apesar de seus caminhos distintos, têm em comum, na visão de Vattimo, a tarefa de elaboração de um pensamento que tem como principal objetivo uma crítica à metafísica atualmente estabelecida e uma posterior inauguração de uma nova experiência de pensamento. É o que o

<sup>1</sup> Este texto é resultado de um desenvolvimento da pesquisa de Iniciação Científica (FAPERJ/PUC-Rio) intitulada *Cultura e Pós-modernidade na Hermenêutica de Gianni Vattimo*, desenvolvida entre agosto e dezembro de 2003, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Cesar Duque Estrada. Para Maria Luiza Oswald, com amizade.

próprio Heidegger salienta em seus cursos sobre Nietzsche: *“Nietzsche – o nome do pensador coloca-se enquanto título da tarefa de seu pensamento. A tarefa, o ponto em questão, é em si mesma, confrontação (aus-einander-setzung)”* (HEIDEGGER, 1987, 1). É a partir da leitura de Nietzsche que Heidegger introduz seu caminho de pensamento nos moldes de uma tarefa, que tem como principal objetivo preparar um pensamento futuro, ou seja, um pensamento de reflita os desafios do presente, preparando-nos para o que ainda há de vir. E é essa leitura que Vattimo assume como decisiva na decifração dos problemas de nosso tempo, isto é, da pós-modernidade.

Segundo Vattimo, *“o passo decisivo para efetuar a conexão entre Nietzsche-Heidegger e o ‘pós-modernismo’ é a descoberta de que aquilo que este último procura pensar com o prefixo ‘pós’ é, precisamente, a atitude que, em termos diversos, mas, segundo nossa interpretação, profundamente afins, Nietzsche e Heidegger procuraram construir em relação ao pensamento europeu, que puseram radicalmente em discussão, recusando-se, porém, a propor sua ‘superação crítica’, pela boa razão de que isso teria significado continuar prisioneiros da lógica de desenvolvimento própria desse mesmo pensamento”* (VATTIMO, 1996b, VI). De acordo com esses dois pensadores, a modernidade é marcada pela compreensão da história do pensamento como uma “iluminação” progressiva, desenvolvida na apropriação e reapropriação cada vez mais plena dos “fundamentos” desenvolvidos pela razão humana, pensados muitas vezes como “origens”. Por isso, a insistência na idéia de “superação”. Desta forma, *“a nova ontologia hermenêutica por eles instaurada trata de oferecer as bases para a construção de uma nova imagem da existência, a partir da constatação do esvaziamento e secularização da noção de progresso”* (CESAR, 2002, 35).

As noções de fundamento e pensamento como fundação encontram-se exaustivamente discutidas por Heidegger a partir de Nietzsche. Segundo Vattimo, *“eles se acham, assim, por um lado, na condição de terem de distanciar-se criticamente do pensamento ocidental enquanto pensamento do fundamento; e de outro, porém, não podem criticar esse pensamento em nome de uma outra fundação, mais verdadeira. É nisso que, a justo título, podem ser considerados os filósofos da pós-modernidade”* (VATTIMO, 1996b, VII). Assim, o ‘pós’ de pós-moderno assinala um distanciamento da modernidade enquanto projeto filosófico, abrindo a possibilidade de diferir a metafísica<sup>2</sup>, e não ingenuamente liquidá-la. Conforme a leitura de Vattimo, Nietzsche e Heidegger buscam despedir-se da modernidade, fugindo de sua lógica de desenvolvimento, a partir de uma relação ‘diferente’ com a filosofia, conscientes dos problemas que surgem da ânsia de superação.

Mas, pergunta-se Vattimo, faz sentido estabelecer nossa ‘condição filosófica’ na história do pensamento? *“Uma primeira resposta a essa pergunta, diz Vattimo, é a constatação de que um dos conteúdos característicos da filosofia dos séculos XIX-XX, que representa a nossa herança mais próxima, é precisamente a negação de estruturas estáveis do ser, a que o pensamento deveria recorrer para ‘fundar-se’ em certezas não-precárias”* (VATTIMO, 1996b, VIII). O ser, ou seja, aquilo que é, anteriormente pensado como fundamento, é percebido *originariamente* como possibilidade no processar da história, isto é, como “vir-a-ser”. Tanto Nietzsche quanto Heidegger, segundo a leitura de Vattimo, pensam-no como *evento*, o que torna decisivo a compreensão de “em que momento” nós nos encontramos. A ontologia é agora reconhecida como hermenêutica, isto é, modo de ser da nossa condição ou situação, já que nada está fora de seu acontecer (evento), que se realiza historicamente.

Mas afirmar isso pode parecer ainda moderno, pois se encontra dependente de uma noção de história elaborada na modernidade. E isso, segundo Vattimo, indica uma dificuldade real: *“a de identificar um autêntico caráter de mudança radical nas condições – de existência, de pensamento – que se indicam como pós-modernas, em relação às características gerais da modernidade”* (VATTIMO, 1996b, IX). Contudo, essa dificuldade é, de certa forma, minimizada se *“o pós-moderno (e, por conseguinte, o fim da modernidade) se caracterizar não apenas como novidade com relação ao moderno, mas também como dissolução da categoria do novo, como experiência de ‘fim da história’, mais do que como apresentação de uma etapa diferente, mais evoluída ou mais retrógrada, não importa, da própria história”* (VATTIMO, 1996b, XV). Nietzsche, Heidegger e o pensamento que se vincula aos temas da ontologia hermenêutica são assumidos como contribuições na construção de uma noção de existência nas novas condições de ‘não-historicidade’, ou ‘pós-historicidade’. É o que podemos perceber na leitura da *Segunda Consideração Intempestiva* de Nietzsche e em *Ser e Tempo* de Heidegger: há uma preocupação com uma historicidade original, crítica, que indique o problema que é compreendido como a necessidade de

<sup>2</sup> “... a metafísica, na perspectiva heideggeriana, na qual me situo, pode simplesmente ser “diferida”, afastada, posta em perspectiva, mas não ultrapassada ou liquidada.” VATTIMO, G. ‘Diferir a Metafísica’. In ABRANCHES, A. (org.) *O Que nos Faz Pensar*, p. 152.

reflexão acerca de nossa condição no mundo. E definir nosso lugar na história torna-se decisivo para o pensamento de Vattimo.

A dissolução da noção moderna de história é provavelmente a característica que distingue de modo mais claro a história contemporânea da história moderna. *“A contemporaneidade é a época em que, enquanto, com o aperfeiçoamento dos instrumentos de coleta e transmissão da informação, seria possível realizar uma “história universal”, precisamente essa história se tornou impossível”* (VATTIMO,1996b, XV). Dessa forma, a história contemporânea é marcada pelo paradigma comunicacional, em que tudo tende a nivelar-se no plano da simultaneidade, ocasionando também uma des-historicização da experiência.

Assim, diz Vattimo, *“o que legitima e torna dignas de discussão as teorias pós-modernistas é o fato de que sua pretensão de uma “reviravolta” radical com respeito à modernidade não parece carecer de fundamento, se forem válidas as constatações sobre o caráter pós-histórico da existência atual. Essas constatações (...) mostram a modernidade tardia como o lugar em que, talvez, se anuncie uma possibilidade de existência diferente para o homem* (VATTIMO,1996b,XVII).

Essas possibilidades são desenvolvidas por Vattimo, com referências à hermenêutica e à retomada da retórica e do pragmatismo na filosofia recente. Visa-se, dessa forma, distanciar-se de uma descrição puramente crítico-negativa da condição pós-moderna, que foi típica da *Kulturkritik* do início do século XX e aproximar-se de uma consideração positiva desta. *“Nietzsche falou de tudo isso, decerto de maneira um tanto obscura, em sua teoria de um possível niilismo ativo e positivo; Heidegger aludiu à mesma coisa com a idéia de uma Verwindung da metafísica, que não seja uma superação crítica desta no sentido “moderno” do termo. Em ambos, o que pode ajudar o pensamento a se colocar de maneira construtiva na condição pós-moderna tem haver com o que propus, em outro lugar, chamar de debilitamento do ser”*(VATTIMO,1996b,XVIII). Assim, a positividade da condição pós-moderna somente será possível se nos afastarmos do modo de ser metafísico do pensamento, que exige pensar a filosofia nos moldes da filosofia grega, considerada como única possibilidade de elaboração racional acerca dos problemas e coisas.

Desse modo, segundo Vattimo, *“trata-se, antes de mais nada, de se abrir para uma concepção não-metafísica da verdade, que a interprete não tanto a partir do modelo positivista do saber científico, quanto, por exemplo (segundo a proposta característica da hermenêutica), a partir da experiência da arte e do modelo da retórica. (...) Pode-se dizer provavelmente que a experiência pós-moderna (isto é, heideggerianamente, pós-metafísica) da verdade é uma experiência estética e retórica”* (VATTIMO,1996b,XVIII).

Dessa forma, Vattimo nos aponta os horizontes nos quais encontram-se as questões contemporâneas, principalmente acerca da cultura, indicadas a partir de um modo “fraco” de vivenciar o evento da verdade. Segundo Vattimo, *“a superação da metafísica só pode acontecer como niilismo. O sentido do niilismo, porém, se não deve, por sua vez, resolver-se numa metafísica do nada – como aconteceria se imaginássemos um processo em que, no final, o ser não é, e o não-ser, o nada, é – só pode ser pensado como um processo indefinido de redução, de adelgaçamento, de enfraquecimento”*.(VATTIMO,2000, 106-107).

Portanto, o niilismo existe em ato, não se pode fazer um balanço dele, mas pode-se e deve-se compreender em que ponto se encontra, em que nos concerne, a que opções e atitudes nos convoca. *“Creio, diz Vattimo, que a nossa posição em relação ao niilismo possa ser definida mediante o recurso a uma figura que aparece com frequência nos textos de Nietzsche, a do “niilista consumado”. O niilista consumado é aquele que compreendeu que o niilismo é a sua (única) chance. O que acontece hoje em relação ao niilismo é o seguinte: começamos a ser, a poder ser, niilistas consumados”* (VATTIMO, 1996b, 3).

Niilismo significa, para Vattimo, o mesmo que se encontra em Nietzsche, em *Vontade de Poder*: a situação em que o homem é transferido do centro da vida para um ponto; e que também está presente em Heidegger, como o processo em que, no fim, do ser como tal nada mais há. Desta forma, *“o niilismo concerne antes de mais nada ao próprio ser, ainda que isso não deva ser acentuado, como se significasse que, portanto, ele concerne muito mais ao homem, e nem um pouco “simplesmente””* (VATTIMO,1996b,4).

Segundo Vattimo, acerca do niilismo, Nietzsche e Heidegger concordam, para além das diferenças teóricas. *“Para Nietzsche, todo o processo do niilismo pode ser resumido na morte de Deus, ou, também, na desvalorização dos valores supremos. Para Heidegger, o ser se aniquila na medida em que transforma completamente no valor”* (VATTIMO,1996b,4). A partir da leitura de Nietzsche, Heidegger inclui-se na história da consumação do niilismo, assume a questão apontada por Nietzsche; esses dois pensadores apontam para uma busca de pensar o nosso tempo. Isso nos orienta à única chance: o niilismo consumado. Para Heidegger, o pensamento marcado pelo niilismo distancia-se da pretensão de que o ser esteja em poder da consciência. Por isso, *“é só quando esperamos, tal como Heidegger, que o ser seja precisamente aquilo que não é, que se afirma na sua diferença como não presença, estabilidade, estrutura”* (VATTIMO,1996a,86).

Dessa forma, no século XX, o niilismo parece se impor como um caminho, como uma chance problemática para o pensamento contemporâneo. “*O niilismo, a descoberta da ‘mentira’ e do caráter de jogo de forças que os pretensos valores e estruturas metafísicas possuem reside na revelação da vontade de poder na medida em que desloca e subleva as relações hierárquicas vigentes, denunciando-as como relação de forças e não como ordens correspondentes a ‘valores’*” (VATTIMO, 1980,104).

Segundo Vattimo, partindo do niilismo, parece que a cultura do século XX assistiu à consumação de todos os projetos de “reapropriação”. “*Na realidade, diz Vattimo, a perspectiva da reapropriação perdeu precisamente seu significado de norma ideal; como o Deus de Nietzsche, essa perspectiva revelou-se, no fim das contas, supérflua*” (VATTIMO,1996b,9). Em nosso tempo, o pensamento parece não mais exigir respostas totalizantes acerca das causas últimas, ou de saberes metafísicos.

Segundo Vattimo, “*para o niilista consumado, a liquidação dos valores supremos também não é o estabelecimento ou o restabelecimento de uma situação de “valor” no sentido forte; não é uma reapropriação, porque o que se tornou supérfluo é, precisamente, qualquer “próprio”*” (VATTIMO,1996b,10). Não se busca ‘novos’ valores supremos, para que substituam os ‘metafísicos’, mas se busca um outro tipo de experiência de pensamento. Essa experiência, de acordo com o pensamento elaborado por Vattimo, aproxima-se de uma leitura genético-sintomática da realidade<sup>3</sup>, que, segundo Vattimo, perde sua força coercitiva. Em sua visão, essa é a nossa única chance de liberdade. Neste sentido, afirma Calinescu:

“Filosoficamente, de acordo com Vattimo, o fim da modernidade produz a emergência de um pensamento fraco, um modo de reflexão tipicamente pós-moderno que está em oposição direta com a metafísica ou pensamento forte (um pensamento que é dominador, impositivo, universalista, atemporal, agressivamente autocentrado, intolerante face a tudo que pareça contradizê-lo, etc.)” (CALINESCU,1987,272).

Por isso, Vattimo propõe o pensamento fraco, como uma forma de resistência à violência do pensamento forte. A temporalidade fraca (VATTIMO,1980, 184), segundo Vattimo, é o horizonte mais agregador da experiência do ser. A partir desta oposição entre pensamento forte e fraco é que poderemos pretender adquirir uma outra experiência de pensamento, sem as pretensas tiranias da razão.

### Bibliografia

- CESAR, Constança Marcondes. ‘A Crítica da Modernidade em Vattimo’. In *Revista Brasileira de Filosofia*. Vol. LII, fasc. 205, jan/fev/mar de 2002.
- BUBNER, Rüdiger. *Modern German Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- CALINESCU, Matei. *Five Faces of Modernity*. Durham: Duke University Press, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. New York: Harper and Row Publishers, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Contributions to Philosophy*. Indiana: Indiana University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche*. São Francisco, Harper & Row, 1987.
- LE NOUVEL OBSERVATEUR (org.) *Café Philo: as grandes indagações da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LIMA VAZ, H. C. de. ‘Esquecimento e Memória do Ser: sobre o futuro da Metafísica’. In *Síntese – Revista de Filosofia*. Vol. 27, n. 88, 2000.
- NUNES, Benedito. *A Filosofia Contemporânea – Trajetos Iniciais*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- PECORARO, Rosário Rossano. ‘Metafísica do Choque, Niilismo da Arte: notas sobre o pensamento pós-moderno de Gianni Vattimo’. In *O que nos faz pensar*. n. 16, p. 5-24.
- VATTIMO, Gianni. *A Sociedade Transparente*. Lisboa: Ed. 70, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *As Aventuras da Diferença*. Lisboa: Ed. 70, 1980.
- \_\_\_\_\_. ‘Diferir a Metafísica’. In *O que nos faz pensar*. n. 10, vol. 2, p. 151-159.

<sup>3</sup> “A leitura *genético-sintomática* heideggeriana do fenômeno do *niilismo* deu origem a um episódio teórico que se tornou quase emblemático para a história da filosofia contemporânea. Ele provocou uma mudança profunda na interpretação até então aceita mesmo pelo criticismo kantiano – se prescindirmos da própria crítica nietzscheana e do reducionismo positivista – da mais antiga e venerável entre as disciplinas filosóficas que reconhece no Eleatismo sua primeira origem: a Metafísica. É justamente a interpretação da história da Metafísica que Heidegger irá submeter, na sua leitura da cultura ocidental, ao procedimento *genético-sintomático* inaugurado por Nietzsche”. LIMA VAZ, H. C. de. ‘Esquecimento e Memória do Ser: sobre o futuro da Metafísica’. In *Síntese – Revista de Filosofia*, p. 150-151.

- \_\_\_\_\_. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Ed. 70, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O Fim da Modernidade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996b.
- \_\_\_\_\_ & DERRIDA, Jacques. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.